

EUA e Israel deixam a conferência

Da Redação

Depois de enfrentar uma série de protestos e duras críticas contra a atuação de seu governo em relação aos palestinos, a delegação de Israel retirou-se da 3ª Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, que começou sexta-feira em Durban, na África do Sul. A decisão foi seguida pelos delegados norte-americanos, em protesto contra o que chamaram de “linguagem” antiisraelense no rascunho da declaração final da Conferência.

Foi o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, quem primeiro anunciou a saída de seu país da cúpula.

“Só depois do anúncio da Casa Branca é que anunciamos nossa retirada, para não dar a entender que os norte-americanos estão servindo a Israel”, explicou o ministro israelense das Relações Exteriores, Shimon Peres. A declaração de Peres, no entanto, não convenceu o líder do movimento negro americano, pastor Jesse Jackson, que se disse desapontado com Bush. “Ele (Bush) permitiu que um debate sobre Israel afetasse a participação da delegação de nosso país na Conferência”.

Samuel Feldberg, professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), afirma que os Estados Unidos usaram o debate sobre Israel para fugir da reunião e assim evitar críticas a sua relação histórica com os negros. O governo Bush “se valeu do apoio histórico e tradicional a Israel para não ter de tratar dos assuntos que realmente interessam”. Esta foi a terceira vez que uma delegação americana abandona uma conferência da ONU sobre o racismo. A desculpa é sempre a mesma: os termos antiisraelenses.

O chefe da delegação israelense, Mordechai Yedid, considerou o rascunho da declaração final de Durban o “documento oficial com maior teor de racismo desde o final da Segunda Guerra Mundial”. Também acusou os árabes de “se-

qüestrarem a conferência do racismo”, usando o encontro das Nações Unidas para fins políticos.

A cúpula de Durban começou na sexta-feira passada e prosseguiu até ontem com uma chuva de acusações contra a política de Israel para os palestinos — considerada “genocida” por muitos participantes. No dia da abertura do encontro, o presidente da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, chegou a comparar as ações militares de Israel nos territórios palestinos a processos de “limpeza étnica”. “Foi uma declaração de ódio”, retrucou Yedid.

Até o último minuto, diplomatas noruegueses e norte-americanos tentaram evitar a saída de Israel. Chegaram a propor que fos-

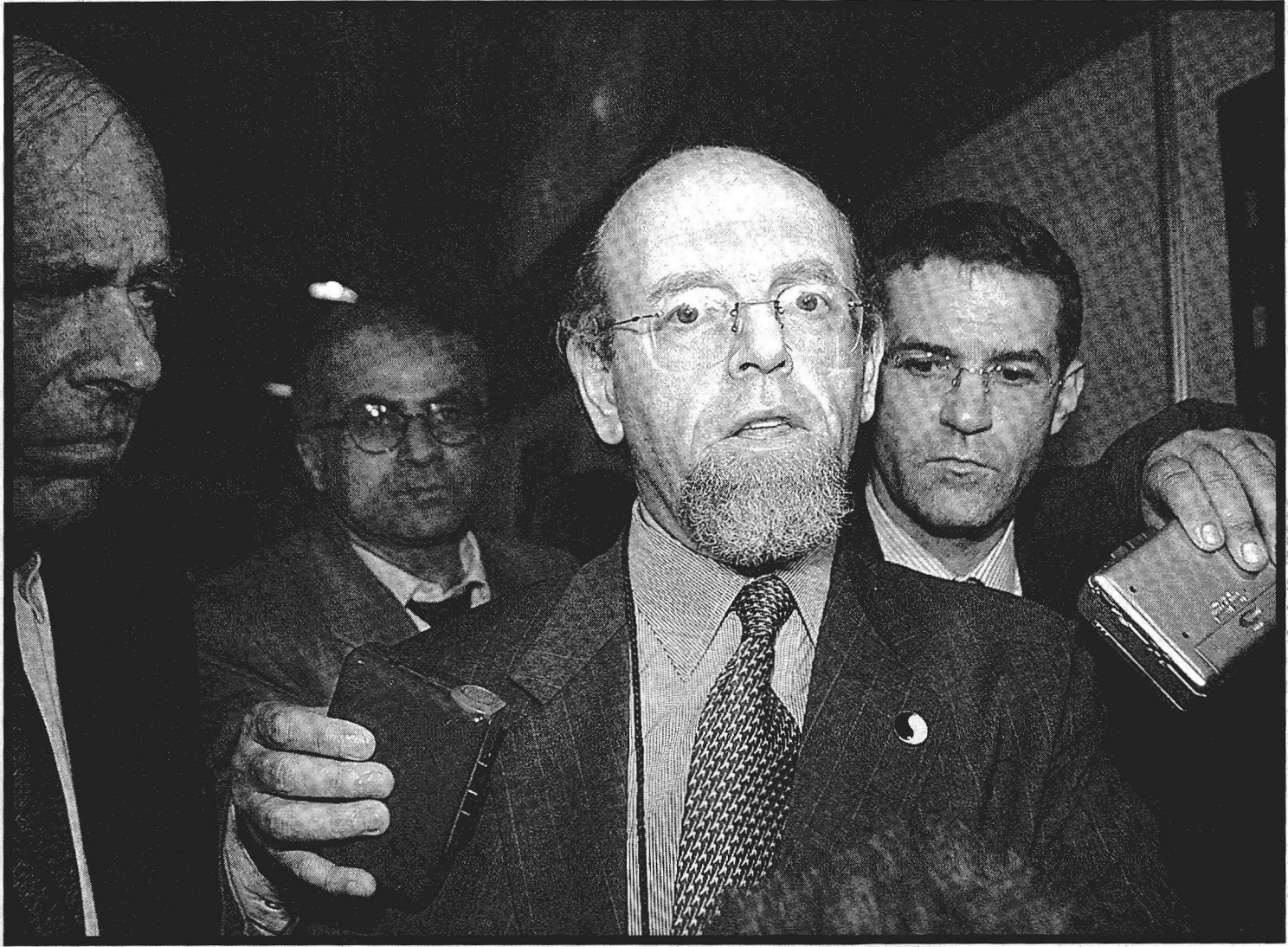
sem retiradas as palavras racismo e apartheid do texto que trata de sionismo como forma de racismo. Mas as manobras de bastidores foram inúteis. “Não podemos continuar numa reunião que serve para pôr Israel no banco dos réus em vez de discutir em profundidade a questão do racismo e da intolerância”, afirmou um diplomata israelense.

O secretário-geral da Liga Árabe, Amr Moussa, disse que só uma declaração equilibrada sobre a questão do Oriente Médio, aceita por todas as partes, seria levada a sério no encontro de cúpula. “Que diferença faz se o texto acusa um ou outro. Ela será condenada e não será implementada”, disse.

A relatora da Conferência, a brasileira Edna Roland, afirmou que a saída de Israel e dos Estados Unidos é muito ruim para o andamento do encontro. “É lamentável que as negociações tenham se encerrado”. Segundo Edna, hoje será estudada a criação de um grupo de trabalho para tratar da questão do Oriente Médio.

O governo da África do Sul, que preside a conferência, considerou a partida de ambas as delegações “um fato infeliz e desnecessário”. O chefe de gabinete sul-africano, Essop Pahad, disse que a Conferência vai continuar com o mesmo espírito: um caldeirão de perspectivas.

Anna Zieminski/AFP



PARA JUSTIFICAR SAÍDA DA CÚPULA, BAKER, MEMBRO DA DELEGAÇÃO ISRAELENSE, DISSE QUE OS ÁRABES NÃO ACEITAM QUALQUER ARGUMENTO RACIONAL